

## «A força de viver»

in Arnaldo Santos,  
*O Cesto de Katandu e outros contos*,  
Lisboa, Edições 70, 1986, p. 11-29

Alberto Carvalho  
Faculdade de Letras de Lisboa  
(2001)

### I. Sobre Redução diegética

1. Designa-se “redução diegética” um enunciado narrativo mínimo que extrai de uma história o eixo dos factos que vão acontecendo, factos que desempenham a função dinamizadora do andamento da acção orientada para o desenlace.
2. Sendo embora importantes para a diegese, para a história entendida como um todo, devem ser eliminados os elementos adverbiais de espaço, de tempo e de circunstância, conjunções, interjeições, opiniões, divagações, juízos e demais intervenções do narrador e das personagens, assim como as organizações frásicas complexas, antecipações (prolepses) e retrospectões (analepses) etc..
3. Em termos teóricos, só deveriam constar da “redução diegética” os elementos próprios das frases de estrutura simples: sujeito, verbo transitivo (necessariamente), complementos directo e indirecto, que constituem o esqueleto do desenvolvimento lógico da acção. Mas, nestas circunstâncias radicais, seria incompreensível a teia de sentidos, por não ser fácil perceber “quem fez”, “o quê”, “como”, “por que causas”. Para evitar perdas de nexos, conservam-se entre parêntesis os elementos acessórios mínimos (as motivações das personagens não são elementos acessórios mínimos por não fazerem parte das causas lógicas objectivas ou factuais).
4. Sobre o objectivo da “redução diegética” a resposta é consistente. Constitui uma espécie de “guião do filme”. A partir dele é possível encenar uma representação teatral, compor uma sequência de banda desenhada, arquitectar uma coreografia narrativa de dança, fazer o guião de um pequeno filme documental, escrever uma história diferente.
5. Mas também, e principalmente, permite trabalhar o texto em sala de aula seguindo a pedagogia da leitura analítica, explicativa, interpretativa, inteiramente fiel ao texto. Constitui um exercício lúdico na aprendizagem do emprego dirigido da linguagem, da linguagem entendida no sentido em que é utilizada numa composição literária ou apenas esteticamente apurada.
6. Este exercício pode ainda fornecer a base de um ensaio de escrita criativa. Planificar uma história e escrevê-la é percorrer o caminho contrário ao da “redução diegética”. Sem ter sido arquitectado previamente o esquema de uma história breve ou longa (o seu “esqueleto” lógico), a “paramentação” discursiva jamais adquire forma verosímil, coerente, ou evita a designada “perda de elementos”.
7. No mesmo sentido em que se expurga o enunciado narrativo do circunstancial para apenas reter o essencial da lógica da acção, assim Rodrigues Lapa elimina os aspectos estilísticos acessórios para apenas guardar a ideia mestra de um excerto de Trindade Coelho em *Os Meus Amores*:

Vejamos as fases dessa operação simplificadora. Primeiramente despojámos o trecho de artigos, preposições, conjunções, verbo auxiliar (*começava*), locuções adverbiais, excepto uma (*A esse tempo*), que nos pareceu de algum valor expressivo e lógico. Por fim, querendo levar a selecção ao maior apuro, só deixámos ficar substantivos e verbos, (*Estilística da Língua Portuguesa*, Lisboa, Seara Nova, 1973, p. 11-12)

## II. Redução

1. Um grupo (de meninos que brincava) aproximou-se de um velho, rodeou-o, seguiu-o e tentou atirar-lhe “a fuba do carnaval”, reagindo ele ameaçador, dizendo ser cabo-verdiano;
2. Na arremetida de um (menino, Gigi) o velho parou, desafiou-os, ameaçou-os com uma faca e eles detiveram-se (medrosos e vexados);
3. (Quando) Neco se preparava para nova afronta, Dino informou que dois “monangambas” (polícias) passavam próximo;
4. (Ao afastarem-se) Neco (ainda) se aproximou e atirou a farinha (da desforra) ao velho que (de braço levantado e faca na mão) os perseguiu em fuga;
5. (Durante um jogo), a bola (dos meninos) afastou-se deles, Totonho (que passava) pôs-lhe o pé em cima e desafiou (para um passe de jogo) Ginho que recusou (por receio do cabo-verdiano Totonho);
6. (Ao afastar-se), Totonho propôs (a Gingo) continuarem (o jogo) (em encontros posteriores), (ocasião que serviu) para ele identificar a sua origem, as causas da emigração e a (má) fama (dos cabo-verdianos) sobre o uso da faca, (facto que antes) intrigava Ginho;
  - 6.1. (Com o que aprendeu nestes encontros) Ginho começou a estimar a consciência (sócio-política) dos cabo-verdianos (casos da Fazenda “Tentativa” e do “imposto indígena”) e de Totonho que tinha afrontado (as ameaças de) Sô Vieira e (a prepotência de) Sô Silva;
  - 6.2. (Ginho estimava-o) apesar dos receios e admoestações de sua mãe;
7. [Anos depois] Ginho encontrou Domingas (sua conhecida de infância) e (pelo diálogo) tentou seduzi-la, (respondendo) ela que tinha homem, um cabo-verdiano, [e dois filhos dele];
  - 7.1. (sabendo-a casada) Ginho (por respeito) desistiu do plano sedutor;
8. (E terá sido) a música (dos cabo-verdianos) (que) levou Zita a deixar-se raptar por Totonho e ir viver com ele (para desgosto dos pais e surpresa das vizinhas que pensavam ter sido por feitiço);
9. Um português recém-chegado (empregado de comerciante) tentou seduzir Zita;
  - 9.1. (O português) insistia (sabendo ser ela casada);
  - 9.2. (Reagindo a isso) o marido (dela) esfaqueou-o, acto que o povo não compreendia;
10. Ginho, ao informar-se do caso (sem saber quem estava implicado nele), quando a polícia chegou viu Zita segurar Totonho por um braço;
11. Ginho chamou pelo nome Totonho, (eles) olharam-se cara a cara, e Ginho viu que o polícia, quando o prendia, baixava os olhos(\*).

## III. Análise lógica, interpretação axiológica

### A. Familiaridade VS Estranheza

o. As acções dos outros, que nos parecem estranhas, geram em nós reacções de desconfiança e de rejeição (auto-protectora) que só o saber e a justa compreensão podem dirimir.

#### 1. Encontro negativo

- . Afrontamento 1==>recusa==>dissuasão (“Mi é cabo-verdiano”) (alínea 1, acima);
- . Afrontamento 2==>recusa==>ameaça (faca, cabo-verdiano) (alínea 2);
- . Afrontamento 3==>recusa==>perseguição (faca na mão, fuga dos meninos) (alínea 4);

- 1.1. Sendo um Encontro negativo, recontro, ocorre a triplicação da proposta de jogo carnavalesco (a forma da triplicação é uma regra do conto maravilhoso: acção falhada deve ser praticada três vezes);
- 1.2. A recusa ameaçadora do velho com a faca, a ousadia e o medo dos novos, encenando um conflito geracional, são agravados pelo não saber;
  - 1.2.1. O velho “não” sabe, ou sabe e “não” quer entrar no jogo carnavalesco dos novos;
  - 1.2.2. Os meninos “não” sabem que os outros podem pensar diferentemente deles;
  - 1.2.3. Talvez por ser Carnaval, tempo de subversão dos códigos sociais, os meninos não guardam o devido respeito a um “mais-velho”.

#### **Regra 1:**

- 1 Qualquer forma de jogo implica um “contrato-aceitação” (Greimas) entre os dois interventores, em nome do cumprimento das regras do jogo;
- 2 O desconhecimento ou recusa delas pode causar desordem, além de gerar o receio e a atitude de rejeição ou medo irracional do outro.

#### **3. Encontro negativo**

- . Convite 1 ==> recusa (receio suscitado pelo cabo-verdiano, pela causa anterior) (alínea 5, acima);

#### **4. Encontro positivo**

- . Convite 2 ==> aceitação ==> diálogos => circulação do saber => cordialidade (alínea 6).

#### **Regra 2:**

- 1 O conhecimento favorece a tolerância do outro e é uma base da convivência e da solidariedade;
- 2 O adequado saber acerca do outro constitui um motivo racional bastante para o defender contra a oposição ignorante ou a rejeição alimentada pelas crenças erradas acerca do outro.

### **IV. Pedagogia: Convivência cultural e afectiva**

#### **B. Respeito VS Abuso**

0. Deve-se respeitar a mulher do outro para que se cumpra a relação recíproca. Respeitando esta regra dá-se prova de bom senso.

#### **1. Jogo amoroso**

- . Sedução 1. cabo-verdiano ==> Domingas ==> sucesso, vida comum, filhos;

#### **2. Jogo sexual**

- . Sedução 2. Ginho (angolano) ==> Domingas ==> insucesso, desistência (Ginho);

#### **3. Jogo amoroso**

- . Sedução 3. cabo-verdiano ==> Zita ==> sucesso, vida em comum.

#### **Regra 3**

1. Respeitar a mulher do outro na acção de Ginho é um princípio de ordem, de vida respeitadora e de paz (associar a questão do respeito pela mulher do outro à castração edipiana);
2. Ginho representa um paradigma de valores positivos, exemplares.

## **V. Pedagogia: Conclusão, negativa**

**o.** Deve-se respeitar a mulher do outro para que se cumpra a relação recíproca. Caso contrário, pode ocorrer a situação injuriosa, ofensiva, de consequências imprevisíveis.

### **1. Jogo sexual causativo**

. Sedução 4. português ==> Zita ==> insucesso, mas não desistência;

### **2. Efeito**

. Agressão (mortal) (do português) e, em consequência, ii)- prisão (do cabo-verdiano).

### **Regra 4:**

1. Desrespeitar a mulher do outro constitui um factor de desordem moral, repercutida sob a forma de tensão social e cultural;
2. Ao contrário de Ginho, que exprime os valores positivos, o português representa o paradigma de valores nefastos;
3. Implicam-se aqui dois níveis de justiça e a respectiva consequência;
  - 3.1. O do Sistema social que zela pela Ordem pública;
  - 3.2. O individual, interdito pelo Sistema social;
  - 3.3. Fazer justiça por mãos próprias é um ilícito criminal sobre outro ilícito criminal.
4. (\*) O polícia actuava comandado por valores divergentes. Objectivamente, cumpria um dever e subjectivamente, ao baixar os olhos, colocava-se no papel daquele a quem dava voz de prisão. Mais abaixo veremos por qual motivo).

## **VI. Comentário interpretativo**

### **A. O desenvolvimento da história do conto é pedagógico**

1. Explicação da diferença cultural entre os angolanos naturais e os cabo-verdianos emigrados em Angola;
2. As diferenças culturais entre angolanos e cabo-verdianos justificam a confusão conceptual entre as razões de ordem abstracta no plano da Lei positiva, ou lei empírica no plano dos factos e as convicções alimentadas pela ordem da crença;
  - 2.1. A habilidade de Totonho em seduzir Zita, talvez com a ajuda da festividade dos bailes, é um dado empírico, no entanto inconcebível pelas mulheres angolanas que, por isso, o explicam por meio da crença no feiticismo;
  - 2.2. Aquilo que não se entende por via racional, ou para que não se procura outra interpretação, é deslocado para a ordem da crença;
  - 2.3. Dado que a palavra explicativa invocada é “feitiçaria”, ela mostra ser uma forma do imaginário comum no meio cultural angolano na área da cidade (ou da sua periferia), reveladora da persistência urbana dos atavismos tradicionais de origem rural;
3. Na axiologia desse mesmo meio social e cultural não se integram os parâmetros que possam levar à compreensão do acto praticado por Totonho, agredir o português e eventualmente matá-lo;
  - 3.1. Deduz-se daí que, no contexto angolano, o adultério não é um assunto de gravidade tão radical que justifique uma agressão como a praticada por Totinho;

- 3.2. Ou seja, podendo ser um facto de implicação social, comunitária (separação dos cônjuges) não parece ter repercussões morais gravosas;
- 3.3. Deste episódio sobressai a diferença axiológica entre angolanos e cabo-verdianos que entendem o assédio sexual como um caso de honra ofendida, tão grande que só pode ser lavada com sangue;
4. A duplicidade do comportamento do polícia que prendeu Totonho assim se explica;
  - 4.1. Prender quem pratica uma agressão criminosa é um dever exercido em nome da Ordem Pública;
  - 4.2. Mas fazê-lo mantendo os olhos baixados corresponde a render homenagem ao praticante desse crime em nome da dignidade ofendida, com fundamento na moral familiar, por isso merecedor de respeito reverente;
  - 4.3. O cabo-verdiano, como os portugueses (em Portugal) em tempos não muito antigos, actuou de acordo com a tradição cultural, ancestral, de influência judaico-cristã, legada pelo Patriarca Abraão, dono da sua casa, dos seus pertences e dos seus familiares.

#### **B. A personagem Ginho pode ser tomado por “porta-voz” do ideário do Autor**

1. Ginho começa por rejeitar Totonho motivado pela voz corrente acerca dos cabo-verdianos, mas procura saber, informar-se, concluindo que o “parecer” dito em circulação na voz corrente angolana não corresponde ao “ser” de facto (Ser VS Parecer);
2. Ginho representa o Autor no papel de personagem moderna, respeitoso da mãe, mas também em desacordo com ela;
  - 2.1. Notar que, em relação a Ginho, a personagem familiar de tutela é a mãe e não o pai;
  - 2.2. Deduzir daqui, p. ex., a distribuição dos papéis de pai e mãe na educação dos filhos, no meio doméstico, em contexto angolano;
3. A moral de Ginho no papel de sedutor exprime a positividade do comportamento social, a que se opõe a negatividade do português;
  - 3.1. Ginho respeitou a mulher de um outro cabo-verdiano;
  - 3.2. Ginho fez aquilo que Totonha teria gostado que o português fizesse em relação à sua;
  - 3.3. Portanto, por implícito moral, Gingo compreende as razões de Totonho;
4. O português está incumbido de protagonizar a arrogância e a prepotência do colonial que supõe ter todos os direitos, neste caso em forma de assédio sexual temerário;
5. No tempo histórico do conto, na segunda metade do séc. XX, excitado pelos anseios de soberania, compõem-se retratos sociológicos;
  - 5.1. O angolano pacífico, compreensivo, respeitador, hospitaleiro na sua terra;
  - 5.2. O cabo-verdiano problemático, de moral intransigente que, embora emigrado, não se submete às circunstâncias no meio em que se integra quando afrontado nas suas convicções;
  - 5.3. O português, arrogante, atrevido, sem guardar o respeito devidos aos outros, para simbolizar o espírito colonial.